

EDUCAÇÃO PELO SKATE NO COLETIVO CULTURAL LOVE CT EM CIDADE TIRADENTES/SÃO PAULO

EDUCATION THROUGH SKATEBOARDING IN THE LOVE CT CULTURAL COLLECTIVE IN CIDADE TIRADENTES/SÃO PAULO

ROMÃO, VITHORIA¹

¹Professora de geografia na rede municipal de ensino de São Paulo e mestranda em geografia; Universidade Estadual de Campinas, e-mail: v225014@dac.unicamp.br.

RESUMO

O presente artigo concebe os coletivos culturais, embora imersos em contextos de contradição e conflito marcados por desigualdades socioespaciais, como a expressão mais efervescente e contemporânea dos movimentos sociais urbanos do Brasil e da América Latina. O artigo centralizou as análises na experiência do projeto social Love CT Skateboarding: Inclusão e Resgate, realizado pelo Coletivo Cultural Love CT, localizado no Conjunto Habitacional Inácio Monteiro, em Cidade Tiradentes, extremo leste do município de São Paulo/Brasil, com o objetivo de ressaltar os aspectos educacionais do coletivo, em especial aqueles que promovem a apropriação do espaço, a educação como prática de liberdade e a formação de uma comunidade de aprendizado. Para isso, foram utilizadas as conceituações geográficas e filosóficas de “lugar” nas perspectivas do geógrafo brasileiro Milton Santos e da intelectual estadunidense bell hooks, bem como os procedimentos metodológicos de revisão bibliográfica, análise documental de dados qualitativos, em conjunto com a observação participante. Tem-se como conclusão que o projeto social configura-se como um lugar de encontro e sociabilidade, potente na produção de conhecimentos e saberes de resistência desde as periferias urbanas, evidenciando a importância dos coletivos culturais na construção de práticas educativas e sociais transformadoras, enraizadas no território e conectadas com as lutas cotidianas locais.

Palavras-chave: Coletivos culturais; educação como prática de liberdade; comunidade de aprendizado; periferia de São Paulo; Cidade Tiradentes.

ABSTRACT

This article considers Cultural Collectives, although immersed in contexts of contradiction and conflict marked by socio-spatial inequalities, as the most effervescent and contemporary expression of urban social movements in Brazil and Latin America. The article focused its analysis on the experience of the social project Love CT Skateboarding: Inclusion and Rescue, carried out by the Love CT Cultural Collective, located in the Inácio Monteiro Housing Complex, in Cidade Tiradentes, in the far east of the municipality of São Paulo/Brazil, with the aim of highlighting the educational aspects of the collective, especially those that promote the appropriation of space, education as a practice of freedom and the formation of a learning community. To do this, we used the geographical and philosophical conceptualizations of “place” from the perspectives of Brazilian geographer Milton Santos and American intellectual bell hooks, as well as the methodological procedures of a literature review, documentary analysis of qualitative data, together with participant observation. The conclusion is that the social project is configured as a place of encounter and sociability, powerful in the production of knowledge and knowledge of resistance from the urban peripheries, highlighting the importance of cultural collectives in the construction of transformative educational and social practices, rooted in the territory and connected to local daily struggles.

Key-words: Cultural collectives; education as a practice of freedom; learning community; periphery of São Paulo; Cidade Tiradentes.

INTRODUÇÃO: ASPECTOS EDUCATIVOS DE MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS

No campo das produções científicas sobre educação, a escola aparece majoritariamente como o espaço central do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a sala de aula tematiza inúmeros debates e perspectivas educacionais que se propõem a criar formas de educação mais libertadoras e revolucionárias que visam o protagonismo dos estudantes e que consideram suas experiências e vivências além dos muros da escola (Freire, 1987; Hooks, 2017).

Se por um lado a sala de aula e a escola seguem sendo espaços renomados e tradicionais para os processos educativos, não devem ser considerados os únicos contribuintes na formação dos sujeitos. A cidade, em toda a sua diversidade de formas e conteúdos, é determinante na formação cidadã, sobretudo daqueles sujeitos que a constroem e a disputam por meio dos movimentos sociais.

Os coletivos culturais estão incluídos nas novas dinâmicas de organização social no Brasil e na América Latina e se configuram como uma das expressões mais efervescentes e contemporâneas dos movimentos sociais urbanos. Desde a década de 1990, despontam como maneiras organizativas coletivas específicas forjadas dentro do contexto de superação e reinvenção das periferias urbanas paulistanas diante das muitas formas de violência, pobreza e desigualdade.

À vista disso, os coletivos culturais, embora estejam envoltos em disputas e reivindicações pelo urbano, tem contribuições relevantes à educação e, como defenderemos ao longo do presente artigo, no ensino de conteúdos espaciais no que tange à Geografia e, em sentido mais amplo, no ensino de conceitos estruturantes da formação de comunidades de aprendizado com potencial de transformação socioespacial.

O artigo está apresentado em quatro momentos principais. O primeiro versa sobre a moldura teórica que encadeou as metodologias utilizadas durante o processo de pesquisa que incluem desde a revisão bibliográfica, a coleta de dados qualitativos até a observação participante. O segundo trata sobre o diálogo das perspectivas geográficas e filosóficas sobre a categoria lugar direcionada à descrição do contexto de formação do Coletivo Cultural Love CT enquanto movimento social periférico situado em Cidade Tiradentes, extremo leste do município de São Paulo.

O terceiro momento descreve o cotidiano das aulas do projeto social Love CT: Inclusão e Resgate que são lidos à luz das reflexões do geógrafo brasileiro Milton Santos e da intelectual estadunidense bell hooks no quarto e último momento.

METODOLOGIAS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, ANÁLISE DOCUMENTAL E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTES

Embasados nas elaborações do educador brasileiro Paulo Freire em seu livro “Comunicação ou extensão” (Freire, 2022) e da escritora bell hooks em “Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade” (Hooks, 2017) que propuseram intensificar a comunicação e os diálogos estabelecidos entre os campos de conhecimentos entre a Geografia, a Pedagogia e os interlocutores da pesquisa, foram definidos os procedimentos metodológicos que estruturaram a realização do presente estudo.

Freire (2022) define a comunicação como o processo pelo qual os sujeitos transmitem seus conteúdos com significados e significantes dotados de intencionalidade.

“A comunicação, pelo contrário, implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. Por isso, não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. Esta função, por sua vez, não é a extensão do conteúdo significativo do significado, objeto do pensar e do conhecer. Comunicar é comunicar-se em torno do significado significativo. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo.” (Freire, 2022, p. 86).

bell hooks (Hooks, 2017), por sua vez, preocupada em produzir estratégias pedagógicas libertadoras no contexto antirracista e antipatriarcal, centraliza o papel do diálogo e da intencionalidade.

“A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças.” (Hooks, 2017, p. 174).

Inicialmente, foi feita a revisão bibliográfica articulada entre três eixos principais. O primeiro eixo tematizou a educação com enfoque nas rela-

ções entre os espaços de educação formal e não-formal e os diálogos entre educação e geografia, ressaltando suas contribuições na formação de sujeitos sócio e territorialmente referenciados. O arcabouço teórico assentou-se na aproximação das concepções de lugar para o geógrafo brasileiro Milton Santos (Santos, 2020) e para a intelectual estadunidense bell hooks (Hooks, 2020). Para aprofundamento das análises utilizou-se o conceito de educação como prática de liberdade elaborado pelo educador brasileiro Paulo Freire (Freire, 1987) e aperfeiçoado por bell hooks (Hooks, 2017) que consideram o amor como ponto nodal na construção de “comunidades de aprendizado” (Hooks, 2017) e na “democratização da escola” (Freire, 1996).

O segundo eixo compreendeu Cidade Tiradentes dentro das leituras sobre a urbanização crítica, concebendo a dialeticidade da periferia, visando entendê-la não só como espaço marcado pela violência, ausências e precariedades (de políticas públicas, infraestrutura e serviços), mas também como potência desde onde sujeitos têm ação política (D’Andrea, 2022) e racionalidades contra-hegemônicas que disputam a cidade, embora em desigualdade de forças com a ordem hegemônica (Santos, 2020; Raimundo, 2017).

O terceiro eixo de leituras, embasado nos escritos da geógrafa brasileira Silvia Lopes Raimundo (Raimundo, 2017) e do sociólogo brasileiro Tiara-ju Pablo D’Andrea (D’Andrea, 2013; 2020; 2022), tratou de compreender os coletivos culturais nas periferias no contexto contemporâneo e a especificidade do projeto social Love CT Skateboarding: Inclusão e Resgate fruto das articulações do Coletivo Cultural Love CT.

Ressalta-se que o levantamento e revisão bibliográficos, apesar de serem propostos enquanto momentos iniciais, foram revisitados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, em especial no diálogo com as experiências de observação participante e análises documentais. Reconheceu-se a “práxis” (Freire, 1987) na qual a teoria orienta a prática de modo a não torná-la mecânica, enquanto a prática orienta a teoria para que se torne efetivamente transformadora.

A revisão bibliográfica teve o sentido de emoldurar um quadro teórico de apoio às demais metodologias de coletas de dados qualitativos, sendo a análise documental e a observação participante.

¹Vídeo Parte ou Skate Video (em inglês), é um filme de duração variável composto por uma série de manobras de skate cuja elaboração pode ser individual ou coletiva. Originalmente, consiste na construção de um histórico pessoal e registro do skatista de si para si, semelhante a um portfólio, que proporciona a observação, autocrítica, reconhecimento de sua evolução e fragilidades. No mais, pode ser um registro de memória acerca do território e da cultura de skate quando se grava.

A escolha e condução das metodologias de coletas e sistematização de dados tomaram como objetivo valorizar a análise espacial e os seus entrecruzamentos escalares. Sendo assim, a análise documental visa compreender a trajetória do Coletivo Cultural Love CT imbricada em seu contexto político-cultural e espacialmente referenciado a partir das produções e divulgações do próprio Coletivo Cultural Love CT, seus parceiros ou terceiros como músicas, entrevistas, fotos, postagens em suas redes sociais (Facebook, Instagram e Youtube) e, principalmente as vídeo-partes¹ que representam uma das sínteses do processo de apropriação do espaço e produção de identidades pelas juventudes urbanas e, neste caso, periféricas.

Já a observação participante foi realizada sobre as atividades e eventos promovidos no âmbito do projeto social que revelaram os detalhes e a dinamicidade da prática cotidiana do skate no momento do acompanhamento do Coletivo Cultural Love CT.

PERSPECTIVAS SOBRE A CATEGORIA LUGAR, EDUCAÇÃO E O SURGIMENTO DOS COLETIVOS CULTURAIS DE PERIFERIA

Os coletivos culturais são organizações coletivas de “sujeitas e sujeitos periféricos” (D’Andrea, 2022) em espaços periféricos de produção e circulação de saberes que atravessam a vida cotidiana dos lugares, podendo transformar-se em instrumentos de resistência e transformação social desde as periferias. Neste sentido, embora se destaquem majoritariamente pela efervescência política no urbano, também possuem contribuições significativas do ponto de vista educativo e comunitário. Em periferias paulistanas, brasileiras e latino-americanas como Cidade Tiradentes, através de sua espacialidade, os coletivos culturais funcionam como lugar do encontro e sociabilidade (Freire, 1987; Hooks, 2017) entre “sujeitas e sujeitos periféricos” (D’Andrea, 2022) no qual se tenciona a “racionalidade hegemônica” (Santos, 2020).

A intelectual estadunidense bell hooks em seu livro “Pertencimento: uma cultura do lugar” (Hooks, 2022) explora a categoria filosófica de lugar de maneira profunda, a conectando às suas experiências pessoais, à identidade e às relações sociais. Para hooks (Hooks, 2022), o lugar é carregado de significados e entrelaça as histórias, as culturas e as práticas sociais, ou seja, é onde a história se desdobra; é um espaço que nos molda e que é moldado por nós (Hooks, 2022).

Além disso, hooks discute a relação entre lugar e comunidade, afirmando que o lugar se torna significativo quando é habitado por pessoas que compartilham um senso de pertencimento e de identidade coletiva (Hooks, 2022). Neste sentido, concebe-se o conceito de “comunidade de aprendizado” (Hooks, 2017) que encoraja os indivíduos a pensarem criticamente, questionarem e a desafiarem as normas (Hooks, 2017) possibilitando que a “educação como prática de liberdade” (Freire, 1987; Hooks, 2017) possa florescer ao criar um ambiente onde todos possam contribuir com suas vozes, onde o diálogo é fundamental e a diversidade é celebrada (Hooks, 2017).

A categoria lugar, dentro das perspectivas da Geografia e em consonância às discussões da intelectual estadunidense, é um conceito que remete à dimensão espacial onde a existência dos sujeitos mais concretamente se efetiva de maneira compartilhada entre todos os sujeitos em um contínuo de cooperação e conflito (Santos, 2020).

“No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida e comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (Santos, 2020 p. 322).

Sendo assim, o lugar significa a proximidade e afetividade dos sujeitos com o espaço, a dimensão frutífera à criatividade humana que é capaz de reinventá-lo. Por outro lado, é também pelo lugar que se materializam os planos e projetos elaborados nos centros hegemônicos e replicados nas periferias do Sul Global, tais quais os modelos de urbanização e periferização.

O processo de periferização da cidade de São Paulo e de muitas cidades brasileiras e latino-americanas é parte da expansão urbana ocorrida fortemente durante a segunda metade do século XX cujas dinâmicas de urbanização empurraram populações empobrecidas para áreas distantes dos centros de poder econômico e político, marcando a ampliação das desigualdades socioespaciais nas metrópoles (Damiani, 2017).

Diante disso, o bairro e o distrito de Cidade Tiradentes, localizados no extremo leste do município de São Paulo, são exemplos emblemáticos do processo de periferização da metrópole e estão diretamente ligados ao processo de desvalorização e segregação do espaço urbano. Distante aproximadamente 35 quilômetros do marco zero da cidade (Praça da Sé), sua formação urbana esteve vinculada à política habitacional conduzida pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB-SP) a partir da década de 1970, responsável pela implantação de extensos conjuntos residenciais voltados para a classe trabalhadora de baixa renda e, em grande medida racializada. Esse processo consolidou um território cuja função primordial era a moradia, desarticulado da dinâmica de concentração e distribuição de empregos, serviços e infraestruturas essenciais para a estruturação da vida cotidiana (Silva, 2008).

Cidade Tiradentes experimentou um crescimento populacional acelerado nas últimas décadas do século XX, de acordo com dados da Prefeitura Municipal de São Paulo sistematizados por Silva (2008), passou de pouco mais de 8 mil habitantes em 1980 para cerca de 190 mil em 2000, registrando taxas anuais de crescimento extremamente elevadas. A expansão e crescimento populacional acelerados de Cidade Tiradentes, não se deram de forma autônoma, mas em consonância com um padrão mais amplo de urbanização latino-americana, marcado pelo aprofundamento das desigualdades sociais e pela periferização da pobreza.

Ressalta-se o sentido de periferização assumido no presente artigo, já que a distância euclidiana dos centros econômicos e políticos não é a única definidora da formação e da experiência de viver na periferia, para isso considera-se, sobretudo, a pobreza e a violência, a carência de políticas públicas, infraestruturas e distribuição desigual de equipamentos e serviços públicos que asseguram a qualidade da vida cotidiana dos habitantes de Cidade Tiradentes e das demais periferias urbanas (D'Andrea, 2022, p. 205).

Durante os anos de 1990 no Brasil e, mais especificamente nas periferias de São Paulo,

“Engendrava-se um contexto no qual se mesclavam neoliberalismo, privatizações, desemprego recorde, malufismo, remoções, favelização, crescimento demográfico das periferias, perda de referências em partidos políticos e movimentos sociais e crescimento das torcidas organizadas e do movi-

mento hip-hop enquanto referências identitárias da juventude da periferia [...], a violência permeava as relações sociais e se expressava por massacres, taxas de homicídios recordes até então. Um clima de tensão pairava por todos os segmentos sociais aumentando o potencial conflitivo daquela conjuntura.” (D’Andrea, 2013, p. 56).

²Para saber mais sobre o contexto e as características de formação, expansão e hegemonia do Primeiro Comando da Capital (PCC), consulte Feltran (2018).

Dentro deste contexto de violência brutal e morte, a população periférica engendrou mecanismos de sobrevivência e alternativa em diversas formas como o surgimento do Primeiro Comando da Capital², o crescimento das igrejas evangélicas e a efervescência dos coletivos culturais (D’Andrea, 2013, p. 14). D’Andrea (2020) ao tratar da explosão de atividades culturais na periferia da qual os coletivos culturais são propulsores, afirma:

“Esse amplo movimento cultural foi o mais importante difusor de uma consciência periférica, ao afirmar o pertencimento e denunciar as condições de vida. A prática social desses coletivos também experimenta novas formas para o fazer político, tendo como uma de suas principais potências a capilaridade nos territórios periféricos.” (D’Andrea, 2020, p. 33).

“Desesperançada, pobre, desempregada e absorvida nas mananças corriqueiras de jovens entre si e destes com a polícia, a população periférica empenhou-se em construir mecanismos e inventar formas para contornar a violência e se manter viva. Lutar pela própria sobrevivência foi a questão catalisadora que fez girar uma engrenagem produtora de fatos e circunstâncias que afetaram a vida social, sob o primado de soluções práticas para um contexto de morte. É nesse registro que se pode entender o surgimento dos coletivos artísticos nas periferias. Mas é também nesse registro que se deve buscar as ressonâncias e interações entre esses coletivos e os outros registros pelos quais é possível cifrar ou decifrar esses imperativos da vida - muitas vezes, os limites frágeis entre a vida e a morte - que marcou a periferia nesses anos: de um lado, a aderência ou mesmo aceitação da organização criminosa que leva o nome de Primeiro Comando da Capital, o PCC e suas capilaridades nos bairros periféricos, de outro, o crescimento das igrejas evangélicas nas periferias.” (D’Andrea, 2013, p. 14).

Desta forma, os coletivos culturais são simultaneamente espaços de produção e circulação de saberes que atravessam a vida cotidiana dos lugares, podendo transformar-se em instrumentos de resistência e transformação social, sobretudo, em periferias urbanas como Cidade Tiradentes, onde são “normalmente formados por jovens, muitos deles, periféricos, reunidos por interesses comuns e ações de cultura com ca-

³A expressão “Dar um rolê” é uma expressão nativa entre os skatistas brasileiros que significa praticar ou andar de skate, normalmente, nas ruas ou pistas públicas.

⁴Área skatável é um termo nativo entre os skatistas brasileiros e denota áreas cujas condições físicas a tornam propícias à prática do skate, como a presença de equipamentos urbanos passíveis de serem transformados em obstáculos e que, por isso, permitem o desenvolvimento das manobras.

⁵Pico é uma categoria nativa. Refere-se ao lugar que reúne as condições propícias para a prática do skate, ou seja, é skatável e que contém a dimensão da sociabilidade, sendo um ponto de encontro e referência aos skatistas.

⁶Os Centros Educacionais Unificados, mais conhecidos como CEUs, são equipamentos educacionais implantados no município de São Paulo pela primeira vez em 2002, como o resultado da reflexão e do desenvolvimento de diversas teses sobre educação no Brasil, desde o modelo das Escolas Parque proposto pelo educador brasileiro Anísio Teixeira, até chegar ao conceito atual dos Centros Educacionais Unificados (CEUs). Desde então, os CEUs consolidaram-se como referência na educação e articulação de políticas públicas no território [...] Os CEUs foram construídos com o objetivo de promover uma educação à população de maneira integral, democrática, emancipatória, humanizadora e com qualidade social. Juntando não somente educação, mas também, a cultura, o esporte, lazer e recreação, possibilitando o desenvolvimento do ser humano como um todo, como pessoa de direitos e deveres e dono de sua história (São Paulo, 2024).

racterísticas político ideológicas contra hegemônicas” (Raimundo, 2017, p. 23) e, por isso, têm seus sentidos ampliados e dinamizados.

O Coletivo Cultural Love CT surgiu em 2005 quando um conjunto de jovens skatistas moradores passou a dar rolês³ de skate por Cidade Tiradentes. Diante da falta de equipamentos de lazer, os skatistas de Cidade Tiradentes não só demandaram e, seguem demandando do poder público, a construção de equipamentos públicos em seus bairros, mas passaram a produzir suas próprias áreas skatáveis⁴ e picos⁵, gerando novos usos e possibilidades de sociabilidade no espaço público urbano.

Neste sentido, os skatistas moradores de periferias seguem marcados por um conjunto de mutilações em suas cidadanias e subjetividades (Santos, 2007) no que tange a circulação pela cidade, a qualidade, manutenção e distribuição equitativa das políticas públicas. Foi a partir dessas experiências de mutilações e possibilidades de uso do espaço que o Coletivo Cultural Love CT criou o projeto social Love CT Skateboarding: Inclusão e Resgate em 2011 com a finalidade de colaborar com a construção de uma memória territorial e periférica de apropriação do espaço pelo skate que se propaga e renova através da juventude.

No início, as aulas ocorriam nas imediações, especialmente na pista de skate nos arredores do Centro Educacional Unificado Inácio Monteiro (CEU Inácio Monteiro)⁶ no Conjunto Habitacional Inácio Monteiro, em Cidade Tiradentes, no município de São Paulo. Contudo, o projeto foi intensificado quando os gestores do CEU convidaram os integrantes do Coletivo Cultural Love CT a ocupar a antiga e abandonada sede local da Guarda Civil Metropolitana de São Paulo (GCM), situada na praça entre o CEU e a pista de skate (Figuras 1 e 2). A sede consiste em uma pequena construção de alvenaria apelidada de “casinha” pelos educadores e pelas crianças e adolescentes que conta com infraestrutura de encanamento, armazenamento e eletricidade que proporcionam a permanência de maneira mais confortável e estendida daqueles que participam do projeto social.

Figura 1 - Base abandonada da Guarda Civil Metropolitana em janeiro de 2010. Ao fundo, CEU Inácio Monteiro em Cidade Tiradentes. Fonte: Google Maps (2010).



Figura 2 - Sede do projeto Love CT: Inclusão e Resgate Skateboarding em fevereiro de 2023. O grafite externo da sede é parte da exposição “Toda cor tem seu valor” em comemoração à trajetória de 10 anos da artista visual paulista e brasileira JAe Alves (@todacortemseuvalor) Ao fundo, CEU Inácio Monteiro em Cidade Tiradentes. Fonte: Google Maps (2023).



Embora a praça, a pista de skate e a própria “casinha” sejam infraestruturas sob gestão do CEU Inácio Monteiro, são de uso público e gratuito para a população de Cidade Tiradentes e, aliadas às ruas circundantes, constituem-se como o espaço central e o ponto referencial das aulas e de muitas ações desenvolvidas pelo Coletivo Cultural Love CT.

A expansão da atuação do Coletivo Cultural Love CT nos primeiros anos da década de 2010 pode ser englobada e é reconhecida pelos seus próprios integrantes como um fenômeno dentro do contexto da pujança da produção artística nas periferias (D’Andrea, 2022, p. 161). Dentre todos os aspectos, ressalta-se a produção artística como possibilidade de sobrevivência material num momento de ascensão do neoliberalismo marcado por intensas mudanças no mundo do trabalho, promoção de editais públicos de fomento à cultura, de cursos de capacitação profissionalizantes voltados à cultura e também como alternativa às atividades ilícitas direcionadas à juventude (D’Andrea, 2022, p. 161).

“Foram cinco os principais motivadores do aumento do número desses coletivos [culturais]: a produção artística como forma de pacificar um contexto violento; a produção artística como forma de sobrevivência econômica; a produção artística como forma de participação política; a produção artística como forma de valorizar o bairro; e a produção artística como emancipação humana.” (D’Andrea, 2022, p. 161).

Sendo assim, nota-se que a atuação do projeto social se sustenta e se fortalece a partir dos conteúdos culturais, econômicos, políticos e educacionais proporcionados pelo espaço. Aqui, a prática de skate se constitui como prática cultural, política e educativa disruptiva e atua como mecanismo autônomo de apropriação-reivindicação-resistência por e a partir do lugar.

Ao longo da existência do projeto social foram feitas algumas intervenções materiais no espaço, que buscaram ampliar o potencial da prática de skate, como a instalação de mobiliários urbanos, a pintura do chão e paredes da pista e da construção que marcam a presença do skate e das crianças e adolescentes do projeto social no lugar.

Ressalta-se que o mobiliário urbano composto por bancos, guias, calçadas e corrimões, além de suas funções tradicionais de descanso e acesso, servem como suporte para as manobras pois devem ser desviados ou ser incorporados pelo skatista, sendo considerados como “obstáculos”. Inicialmente, a matéria-prima utilizada para a construção dos obstáculos é a madeira por ser maleável, facilmente transportável e de baixo custo, embora pouco duradoura. Sendo assim, a presença de obstáculos de madeira combinados com concreto e aço – mais duráveis e resistentes – nos arredores da pista e nas proximidades da sede do Coletivo Cultural Love CT demonstra a permanência da prática de skate no local o que, simultaneamente, também representa sua legitimação social perante os demais sujeitos que o ocupam.

Neste sentido, o projeto social significa uma possibilidade e proposta de “educação como prática de liberdade” (Freire, 1987; Hooks, 2017) que assume o ensino e a prática urbana do skate como mecanismos de apropriação do espaço e que proporciona à juventude periférica o pertencimento, reconhecimento e apropriação de Cidade Tiradentes e a construção de uma comunidade de aprendizado coletiva e amorosa, embora permeada de conflitos e contradições.

O COTIDIANO DAS AULAS NO PROJETO SOCIAL LOVE CT SKATEBOARDING: INCLUSÃO E RESGATE

As descrições a seguir compreendem as observações e acompanhamentos do cotidiano do projeto social Love CT Skateboarding: Inclusão e Resgate realizados durante o segundo semestre de 2023. As aulas do

projeto social ocorrem semanalmente nas manhãs de sábado e são organizadas em três momentos ministrados e compartilhados entre os educadores do projeto, sendo eles: a Aula de Ciências, a aula de skate e o Sarau da Love.

O primeiro momento é o que se denomina como “Aula de Ciências”, que pode acontecer no ambiente interno da sede do Coletivo Cultural Love CT ou na área externa cuja proposta pedagógica visa aproximar o conhecimento científico das crianças e jovens a fim de que compreendam a ciência nos fenômenos do dia a dia de modo que não só se interessem por ela mas, sobretudo, se apropriem dela, ou seja, se reconheçam como parte e produtores de ciência desde seus corpos, cidade, planeta e universo.

Os instrumentos e recursos utilizados vão desde a exibição de documentários sobre o sistema terrestre até a montagem de robôs movidos a energia solar, passando sempre por um debate horizontal e coletivo entre todos que compõem a aula. Destaca-se que durante a exibição dos documentários, os educadores se comprometem a verbalizar todas as informações presentes nas legendas, já que muitas das crianças se encontram em idade de alfabetização. Nas atividades práticas, visa-se equalizar o tempo entre a escuta das orientações e o manuseio dos equipamentos.

A segunda etapa são as aulas de skate que ocorrem na área externa, na rua ou na pista de skate a depender das orientações dos educadores e das vontades da juventude. A aula parte de exercícios e desafios coletivos propostos pelos educadores como forma de aquecimento do corpo e da formação do que consideram como bases do skate, que inclui desde o reconhecimento espacial no qual a prática acontece, do skate e seus componentes e do próprio corpo da criança ou adolescente. As instruções, embora tematizem a técnica, não se restringem a ela; estão acompanhadas de discursos sobre a importância da preparação mental e física e permeadas de valores de disciplina, persistência, resistência, respeito, escuta e partilha.

⁷As pistas Half Pipe são pistas cujo formato se assemelha a letra U e cujas paredes medem até 4 metros de altura. Pela inclinação, a rampa possibilita manobras aéreas e em alta velocidade.

A pista do CEU Inácio Monteiro é do tipo Half Pipe⁷ em concreto, o que, no primeiro instante, pode intimidar a qualquer pessoa. Por isso, é bastante comum que os educadores estimulem e apoiem as crianças a ocupar paulatinamente a pista. Não raramente, os educadores seguram as

⁸O shape também é conhecido como board ou tábua e é um dos elementos principais que compõem o skate. Consiste em uma tábua de madeira em formato côncavo sobre a qual é colada uma lixa adesiva e que apoia e fixa os pés dos skatistas.

⁹Os rolamentos são peças circulares embutidas nas rodas do skate que têm a função de aumentar a velocidade de rotação e impedir que as rodas travem, possibilitando movimentos mais naturais e a execução das manobras. Os rolamentos são altamente sensíveis à água e tem sua vida útil diminuída quando submergidos em poças d'água ou pisos molhados.

mãos das crianças para manter o equilíbrio ou correm aos seus lados para que ganhem velocidade enquanto tomam confiança em si mesmas. Tão importante quanto as instruções é o momento de prática livre no qual as crianças e adolescentes são estimuladas a criar seus estilos de andar de skate. Liberdade não é sinônimo de desassistência. Na prática livre, todas seguem sendo orientadas individualmente sobre suas manobras, aconselhadas sobre o posicionamento do corpo e do skate e a disposição dos obstáculos na pista ou na rua.

Em dias de chuva, a dinâmica das aulas de skate muda. O chão molhado, além de danificar a lixa do shape⁸ e os rolamentos⁹, inibe o atrito entre as rodas do skate e o chão, o que diminui a estabilidade das manobras e aumenta a chance de acidentes. Contudo, engana-se quem acredita que em dias de chuva o skate se torna secundário, pois é justamente quando se expande o referencial da cultura de skate através da exibição de campeonatos e vídeo-partes de todas as épocas e lugares do mundo.

É assim que a juventude conhece e se conecta com os grandes nomes do skate e os mais importantes picos do mundo. Conhece as histórias de skatistas desde a década de 1990 até a atualidade; é contagiada e inspirada por suas manobras e performances. Aprende sobre a trajetória do skate como esporte e prática marginalizada, aprende sobre a evolução dos movimentos, dos materiais, dos shapes, das pistas.

Terminado o momento dedicado à prática de skate, as crianças são reunidas na sede do Coletivo Cultural Love CT para a terceira etapa da aula: o Sarau da Love. Enquanto as cadeiras são organizadas em roda ou meia-lua e o microfone é montado e ligado, as crianças e adolescentes recebem um lanche que pode ser uma fruta ou um doce acompanhado de um copo de suco. Compartilha-se entre todos o momento da alimentação.

A música é quem faz a transição entre a aula de skate e o sarau. Músicas infantis e autorais do Coletivo Cultural Love CT preenchem o ambiente e embalam as crianças e adolescentes numa sintonia comum. Somente depois disso é que a declamação de poesias encontra espaço para começar.

O Sarau da Love toma como instrumento pedagógico a poesia e com isso incentiva a leitura, a escrita e a declamação como manifestações artísticas. Nele, outra habilidade libertadora é acionada: “o interesse uns

pelos outros, por ouvir a voz dos outros, por reconhecer a presença um dos outros” (Hooks, 2017, p. 17) já que as crianças e jovens são convidados a recitar uma poesia no microfone. A fala só ocorre após a energização pela plateia com um coro comum dedicado especialmente ao ministrante: “skate é arte, divertir faz parte. Sarau da Love é: Inclusão e Resgate”.

Neste sentido, embora as aulas do projeto sejam divididas em três momentos que mobilizam habilidades distintas, todos assumem um objetivo pedagógico comum que é o protagonismo das crianças e adolescentes na produção de conhecimentos que contemplem seus corpos e a realidade na qual se inserem com perspectivas de apropriação e transformação do espaço.

SKATE: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E COMUNIDADE DE APRENDIZADO

A pedagogia desenvolvida pelo Coletivo Cultural Love CT se configura como uma pedagogia do afeto e da liberdade na qual o amor é o ponto nodal da prática e que possibilita a construção do pertencimento e de uma comunidade de aprendizado engajada, séria e revolucionária.

A prática de skate no projeto social é uma prática extasiante e, por isso, transgressora dos moldes didáticos tradicionais da sala de aula (Hooks, 2017, p. 9-10). O entusiasmo é adquirido coletivamente por uma combinação entre prazer e perigo no qual, segundo hooks, este último deve ser encorajado e compartilhado com o professor (Hooks, 2017, p. 35). No skate, a queda é iminente! Portanto, quando educadores e educandos andam juntos, correm os mesmos riscos e se tornam suscetíveis à queda.

Contudo, não é porque a queda é iminente que há de ser dolorosa ou traumática. Desde quando começam a frequentar as aulas, cada criança recebe seu próprio skate e equipamentos de proteção individual (capacete, cotoveleira e joelheira) e são frequentemente orientadas a vesti-los quando se dirigem às aulas do projeto social. No mais, contam com o apoio do Coletivo Cultural Love CT para a manutenção do shape e dos rolamentos e recebem instruções de como realizar as manutenções autonomamente em casos futuros.

No projeto social, o erro é acolhido e considerado como parte do processo educativo. Na pista ou na rua, os educadores sinalizam a má execução das manobras de modo que as crianças e adolescentes se tornem conscientes da forma que executam os movimentos e os melhorem. No discurso deixam claro que nem sempre o êxito se resume às condições físicas do corpo e da pista; também são determinantes as condições mentais do skatista, daí a importância do descanso e dos intervalos.

Ressalta-se que as aulas contam com uma plateia formada por alguns familiares e responsáveis pelas crianças que se sentam nos bancos de concreto e madeira ao redor da pista e as observam. A presença contínua dos responsáveis torna possível que os educadores mantenham contato direto com membros das famílias o que expande o repertório de compreensão do Coletivo Love CT, lançando as bases para a construção de uma “comunidade de aprendizado” (Hooks, 2020).

Ao longo dos mais de dez anos de existência do projeto social, os educadores do Love CT acompanham as crianças e os jovens de maneira contextualizada, inclusive no que tange à geração. Não são raros os casos em que as crianças que atualmente integram o projeto sejam filhos, irmãos ou parentes de jovens que participaram do projeto no passado.

A situação pode ser lida dentro dos termos da intelectual bell hooks como “educação como prática da liberdade” (2017), uma vez que é fundamentada no compromisso dos educadores do Coletivo Cultural Love CT em retribuir e melhorar a comunidade, concebendo o conhecimento como premissa para uma pedagogia de resistência e o aprendizado como revolução.

As práticas pedagógicas estabelecidas dentro do projeto social, ao assumirem que cada criança e jovem é dotado de individualidade, particularidade e integralidade, se aproximam da pedagogia engajada descrita por bell hooks que é flexível e espontaneamente mutável nas direções e reconceitualizações (Hooks, 2020, p. 17), pois toma como protagonista não só o sujeito, mas o sujeito inserido em seu contexto socioespacializado (Santos, 2020, p. 322).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo é um esforço de diálogo interdisciplinar entre os campos teóricos da geografia, educação e educação popular articulados a

partir da figura e das experiências materiais e simbólicas do Coletivo Cultural Love CT e do projeto social Love CT Skateboarding: Inclusão e Resgate, no qual se buscou destacar os aspectos educacionais dos coletivos culturais, os entendendo como espaços de produção e circulação de saberes que atravessam a vida cotidiana dos lugares com potencial de transformação e resistência desde as periferias urbanas.

Neste sentido, os coletivos culturais funcionam como lugar do encontro e sociabilidade (Freire, 1987; Hooks, 2017) no qual se tenciona a “racionalidade hegemônica” (Santos, 2020). O projeto social significa uma proposta flexível e mutável de educação como prática de liberdade (Freire, 1987; Hooks, 2017) que assume o ensino e a prática urbana do skate como mecanismos de apropriação do espaço e que proporciona à juventude periférica o pertencimento, reconhecimento e apropriação de Cidade Tiradentes e a construção de uma comunidade de aprendizado engajada, séria e revolucionária pautada no amor aos sujeitos inseridos em seus contextos socioespaciais.

REFERÊNCIAS

D'ANDREA, T. P. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo.** Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

D'ANDREA, T. P. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 19–36, 2020.

D'ANDREA, T. P. **A formação das Sujeitas e dos Sujeitos Periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo.** São Paulo: Editora Dandara, 2022.

DAMIANI, A. L. A urbanização crítica na metrópole de São Paulo, a partir de fundamentos da Geografia Urbana. **Revista da ANPEGE**, v. 05, n. 05, p. 40–53, 2017.

FELTRAN, G. **Irmãos: uma história do PCC.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** (17 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido** (21). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em Três Dimensões** (14 ed.). São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** (25 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

LÜDKE, M; ANDRÈ, M. E. D. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: Lüdke, M & André, M. E. D. (1986). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

RAIMUNDO, S. L. **Território, cultura e política: movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica, Razão e Emoção**. (3 ed.). São Paulo: EDUSP, 2020.

SÃO PAULO, S. M. de E. **Sobre os CEUs**. Disponível em: <https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/sobre/>, 2025.

SILVA, M. R. **Mares de prédios e mares de gente: território e urbanização crítica em Cidade Tiradentes**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.